

ALVORADA

1.º Anno
Editor,
Dr. Alberto Rodrigues
Redacção e administração
Rua da Republica, 154
GUIMARÃES

SEMANARIO REPUBLICANO

Director,
A. L. de Carvalho
Propriedade da Empresa da «Alvorada»
Guimarães, 29 de abril de 1911

Numero 23

Administrador,
Rodrigo Pimenta
Officinas de composição e impressão
Typographia Minerva Vimaraneses
R. DE PAYO GALVÃO

PELA NOSSA TERRA

Senhor Ministro do Fomento, olhae para a Escola Industrial de Guimarães!

Um dos ramos de ensino que mais tem prendido a nossa attenção, quer pelos beneficios que d'elle directamente adquirimos, quer pelas vantagens reflexas para o meio onde elle é ministrado e auferido, beneficios tanto mais manifestos, quanto maior venha a ser a sua dissiminação, é, sem duvida, o ensino profissional integrado pelo desenvolvimento harmonico do espirito e do caracter.

A progressiva elevação de myopes de censo pratico e de intellecto bem orientado, que na extincta monarchia subiam as cadeiras do poder enfatuados na charlatânica e absuleta bagagem parlamentar de trôpos rendilhados, ignorando em absoluto as fontes uberrimas do desenvolvimento das nações cultas, denunciava-nos iamentaveis aberrações como a de certo ministro das Obras Publicas que ignorava a existencia, em Portugal, das Escolas Industriais, uma das secções de instrucção a cargo da sua pasta.

Originarios do insensato orgulho de falsas e imbecis fidalguias arraigadas a tolos preconceitos, vemos nós, filhos do povo, a progressiva e condensada accumulção de pretendentes a empregos publicos e bachareis na disponibilidade em detrimento da evolução proficua das industrias acorrentadas ao rasto das suas congeneres estrangeiras, já pela falta de gabinetistas e technologistas sabedores, já pela carencia de capitaes que, receosos d'uma directa administração, se escoam nas fauces sorvedouras dos Creditos Prediaes, ou se pulverisam no carunchinho falperrista de bancos poirentos a desfazerem-se pela accção destruidora de roedores.

Mas como impulsionar, canalisar a seiva fertilisadora para esse poderoso ramo da frondosissima arvore da actividade economica?

Como desenvolver ou fazer circular a riqueza que utiliza e

transforma as materias primas; que modifica e augmenta a producção; que assegura, pela permuta mercantil, a divisão e o deslocamento dos productos?

Indubitavelmente, crear escolas profissionais! Não ha duvida que nós já possuímos muitas d'essas escolas dissimnadas por todo o paiz, mas as que possuímos, são pessimamente installadas e crimonosamente abandonadas, á semilhança da Escola Industrial de Guimarães, transformada num pseudo Lyceu, onde a pratica e heurística dão logar á theoria e á cathetica, onde o Portuguez classico... para operarios, substitue o indispensavel ensino geometrico e mechanico; onde o Francez prefere ás formulas chemicas o anachronico sulfato de ferro e de zinco, embora altos lamentos se tenham levantado pela continua decadencia d'esse instituto que tantos serviços prestou a esta laboriosa terra, nos tempos em que as aulas não se limitavam a uma hora de noite e em que os empregados não eram escalonados, aos pares e em numero muito superior ao dos professores que, diga-se a verdade, os tem lá muito distinctos e sabedores.

A contrastar com esta Escola e junto a ella, ostenta-se o Lyceu, excellent fonte para os estudiosos e para o nosso commercio, com os seus tresentos alumnos, trese professores e dois miseros empregados, miseros no numero e nos vencimentos.

Estes desprezenciosos brados, que são o nosso sentir maguado pelos privilegios das classes que não admittem concorrências sem diplomas, bem podiam ser ouvidos pelo Ex.^{mo} Ministro do Fomento, para que o Commercio e a Industria não estivessem á mercê de qualquer analphabeto que não possuísse o curso d'uma escola profissional.

Julgamos, pois, que um ensino strictamente pratico, dis-

posto com ordem e constante progressão, garantido pelo premio futuro seria o meio de se impulsionar vigorosamente a instrucção popular.

Bohemia jornalística

RESPOSTA A UMA DAMA

Acha então V. Ex.^a que nós fomos «pouco amavel».—V. Ex.^a queria dizer desprimoroso, quasi grosseiro, não é assim?—só porque houve quem, calcando o proprio coração com o tacão da logica, dissesse aqui neste jornal algumas verdades amargas ás mulheres!

Sim, porque V. Ex.^a é preciso que saiba: quem escreveu o artigo—Uma descompostura mestra—feriu-se pela sensibilidade a mais penetrante e a mais delicada, porque se feriu na propria alma! Com que magua, Ex.^{mo} dama, com que magua ter de pronunciar palavras azedas, palavras cortantes contra um sexo que conquistou as homenagens e os respeitoes dos melhores logares communs! Mas quem ousará dizer que nós o fizemos por o simples, por o mesquinho, por o stulto prazer de dizer mal das mulheres?

V. Ex.^a tem de fazer-nos justiça reconhecendo no amargo d'esse artigo a generosa e nobilissima intencção de espurgar dos conclaves mulheriqueiros esse pessimo habito de dizer, de fallar, de boatear systematica e propositadamente no intuito de fazer obstruccionismo á Republica! V. Ex.^a tem de concordar que nós tinhamos razão. O nosso pensamento era dignificar a mulher, curando-a, corrigindo-a, tirando-a do lumaçal em que se prevertia—pela lingua.

E quem o duvida! Que tinhamos razão fallando por aquella maneira, prova-o o facto de V. Ex.^a não nos desmentir nem contradizer, limitando-se a observar-nos—aque os homens são peores!

Não divergimos nem discutimos agora esse parecer; simplesmente elle nos assegura a certeza de que podiamos ter sido caustico, mas não fomos menos verdadeiro nem menos justo. Isso o que importa.

E agora só nos accede perguntar: pode ser-se amavel, reprimindo, amavel, fustigando, amavel, ralhando, se ser amavel é possuir a arte dos sorrisos, das graças, da galanteria e das boas palavras?

Evidentemente no que V. Ex.^a tem a reparar é na nossa sinceridade e essa é completa, é perfeita, de maneira a não deixar duvidas.

Se, pois, assim é, diga-nos V. Ex.^a que possui a mais requintada intelligencia d'um coração de mulher, diga-nos V. Ex.^a se para lhe ser agradavel e mais ao sexo, era licito e honesto, virtuoso e limpo que lhe imolásemos o nosso pensar claro e alto, que o mesmo é dizer, a gestação d'um cerebro produzindo e agindo para a luz?

Não. Os prazeres mais perfectos são os da Razão e esses pertencem á Verdade.

Desde ha muito que V. Ex.^a merece a nossa sympathia—faça d'ella o melhor uso que quizer, pertence-lhe—mas deixe-nos o pulso livre para dizer o que pensamos—pois nem perante uns olhos lindos nós abdicaremos d'esta liberdade que é todo o nosso orgulho.

Admirador de V. Ex.^a

G.

Scenas da caserna

A HORA DO RANCHO

A' porta das armas caminha a sentinella, num giro curto e forçado, de má catadura. Do interior do quartel, batido do sol quente, chega cá fóra, como o zombir da colmeia, o ruido alegre da soldadesca grosseira e rude. A espaços, a nota berrante do clarim voa no ar lavado e leve.

Em frente da larga porta, a certa distancia que o soldado faz guardar, com modos bruscos, terminantes, consciente da superioridade que a espingarda lhe dá, estende-se um grupo de farruopilhas olhando e seguindo com ancia os movimentos da sentinella, no seu vae-veem curto e forçado, de má catadura.

Após uma longa, torturante espera, a guarda recebe ordem para deixar entrar a malta esfarrapada. A um aceno de cabeça accorem de roldão, atropelando-se, as creanças adeante, mais ligeiras, os velhos arrastando-se como podem.

Sigámos a horda. Ellaahi vae armada de colheres e lata. Atravessam rapidamente a grande parada interior que se prolonga até ao fim dos extensos corpos rectangulares das casernas, reflectindo a luz, na brancura da cal. D'alem do muro alto, vedando os quintaes, espreitam os ultimos andares da cazaria suburbana, desigual e chromatica, com estendais ao sol.

Chegam dois soldados, cantarelado e pragoejando, e poisam no chão um balde com os restos da sopa farta e pesada que o regimento acaba de ingerir. Os famintos fazem roda e fixam com avidez aquella amalgama pastosa de pedaços de pão, batatas, ossos e nervuras rijas que os dentes não puderam destruir. Cada um dos miseraveis estende o braço o mais que pode, furando por sobre o hombro do vizinho, procurando pôr mais á frente, em destaque, a sua marmita ferrugenta, o seu pedaço concavo de barro com bordas esboroadas. Recordo-me duma tela simples de Geofroy, intitulada *Les affamés*, que traduz intensamente esta mesma scena de fome e de miseria. Sam iguaes em toda a parte, gemeos, os filhos da desgraça.

Um dos soldados vae distribuindo a ração, igualmente, por cada um dos esfomeados. Emquanto ha comida nenhum delles se afasta, receando tocar-lhe a menos um precioso bocado. Esvaziado o balde dispersam vagarosos, sorvendo na malga velha com ruido e sofreguidão, acalmado um jejum excessivo e insatisfeito. Alguns deixam um resto que levam para a espelunca, a mansarda infecta onde se amontoa a filharada

ululante. Chegam ainda outros, apressados, mas veem tarde; já não ha nada... E lá seguem tambem, invejosos, desconfiados, com as palpebras carregadas, olhando de lado os concorrentes impassiveis e ferozes.

E a gente queda-se a pensar na eterna, na irremediavel desigualdade humana!

Lá vae a nodoa sombria dos desherdados, cabeças de apostolos, de grande barba hirsuta que desconhece o luxo dum barbeiro, a legião, o bando lugubre de rôtos, de vadios, de párias, de canalha, dessa canalha immunda e crapulosa, concebida no monturo.

Saem, por ultimo, lentamente, mais atraz, duas figuras que prendem a attenção. E' um homensito baixo, oculos pretos velando por completo os olhos, face bexiguenta e oleosa, barba rata e grisalha. Traz na cabeça um velho chapéu de côco, amagado e ennodado, com as abas quasi despedagadas. Sobre o corpo um frac largo, um antigo frac, lustroso de gorduras. Ao pescoco um collarinho alto, sujo, quasi negro e uma gravata a desfazer-se, corre o nó a um lado.

Ha certas futilidades que o costume exige nos nossos vestuarios e de tal modo se nos tornam familiares que, muitas vezes, nem caindo na miseria as esquecemos! Um esfomeado de collarinho e gravata é uma ironia dolorosa.

As calças, largamente remendadas e com as orlas pôdres, formando um rendilhado exotico, e umas botas que foram novas ha muitos annos, quando no primeiro dono—acabam de marcar este typo complexo que Callot desenharia. Adivinha-se alli um velho mestre de latim, um funcionario despedido, um individuo que foi posto na rua.

Vae a seu lado uma rapatigueta anemica, branca de chlorose, com grandes olhos humidos e mansos, tãjados de violeta; traz ainda ao peito a pobreza envergonhada do seu vestido; as pernitias finas andam nuas. E ao collo, num mimo de ternura, aconchegada, acalentada, leva uma boneca de farrapada, que beija repetidas vezes, com amor!

A sublime inconsciencia ingenua das creanças! Sobre tamanha miseria tamanha calma! Ao pé da morte floresce a vida—uma sombra que se apaga e uma forma que se avulta! Ao pé da dôr, do luto, da magua, da fome dum velho inclinado sobre a valla commum—a alegria, o sorriso dum creança, socegada e tranquilla, de grandes olhos vagos como a Esperança!

Marcio.

ALVORADA

SALGADO

RUA NOVA DE SANTO ANTONIO—GUIMARÃES

Grande sortido de pellerines e bichos de pelle

Com abatimento de 50 e 70 por cento

Camisolas de lã para senhora e homem

CASA COMMERCIO E INDUSTRIA

FUNDADA EM 1864

AUGUSTO CUNHA & C.^A

27, Rua Nova de Santo Antonio, 29

Armazem de ferragens nacionaes e estrangeiras

Vendas por junto e a retalho

Armazem de Lanificios e Tecidos d'Algodão

DE

DUARTE, AREIAS & C.^A

Largo do Tournal, 130 a 132 e Rua Nova de Santo Antonio, 1 a 5

GUIMARÃES

Vendas a preços fixos

Casa High-Life

93, Rua da Rainha, 97



CHAPEUS PARA SENHORA E CRENÇA
(Ultimos modelos)

Exposição permanente no 1.º andar

Camisaria, Gravataria, Espartilhos
e artigos de bordar

Deposito de luvas em todas as qualidades

— PREÇOS MODICOS —

CARDOSO

TOURAL N.º 102 E 104

A casa que vende mais barato

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assignatura	Preço das publicações
Anno 1\$200 rs.	Anuncios e comunicados, por linha 40 rs
Semestre 600 "	Repetição, por linha 20 "
Brazil, anno (moeda forte) 2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.
Numero avulso 20 "	Anuncios, não judiciaes, para os surs. assignantes 25 % de abatimento.

ALVORADA

Ex.^{ma} Snr.